

EDITORIAL

70 anos se passaram desde a primeira publicação, em 1951, de *Origens do totalitarismo* em língua inglesa. Durante essas sete décadas, foram inúmeras as traduções e publicações em vários idiomas, o que demonstra a relevância dessa obra de Hannah Arendt para a pesquisa em filosofia política e para outras áreas, uma vez que ela aborda temas e categorias políticas que ainda se fazem presentes em nosso cenário político. *Origens do totalitarismo* tornou-se leitura obrigatória para aqueles que se debruçam sobre os horrores implementados pelos regimes totalitários na primeira metade do século XX, especificamente em sua versão nazista, e seus desdobramentos no cenário político contemporâneo, onde regimes de exceção ameaçam constantemente tomar de assalto as nossas frágeis democracias, fazendo com que a assertiva arendtiana, a qual aponta para o fato de que “[...] as verdadeiras mazelas de nosso tempo somente venham a assumir a sua forma autêntica – embora não necessariamente a mais cruel – quando o totalitarismo pertencer ao passado” (p. 512), se transformasse em diagnóstico de nosso tempo.

Nessa obra, Hannah Arendt constrói uma compreensão singular do totalitarismo, pois o diferencia de outros regimes políticos autoritários. Para ela, “[...] o governo totalitário é diferente das tiranias e das ditaduras” (p. 343), pois ele visava, pela primeira vez na história, um domínio total, no interior do qual não é possível coexistir. Os governos totalitários buscavam não somente esvaziar a esfera pública, impossibilitando a ação conjunta, mas também o controle das atividades exercitadas na privacidade, a exemplo da faculdade do pensamento. A razão pela qual se fazia necessário também o controle dos pensamentos se deve ao fato de que, para Arendt, não há pensamentos perigosos, o próprio pensamento é perigoso, uma vez que ele questiona as estruturas de um governo de exceção, ao expor a ausência de significado de suas proposições. Portanto, para se alcançar o domínio total era necessário subjugar a esfera pública, utilizando-se da ferramenta do terror para impossibilitar a ação conjunta, e a esfera privada, substituindo a liberdade do pensamento pela camisa de força da ideologia.

O dossiê que compõe o terceiro número dos *Cadernos Arendt*, dedicado aos 70 anos de publicação de *Origens do totalitarismo*, é composto por artigos que buscam refletir sobre categorias filosóficas-políticas presentes nessa obra que explicitam a originalidade e a atualidade do pensamento arendtiano. Lucas Barreto Dias, em “Totalitarismo e mundo de semblâncias a partir de Hannah Arendt”, busca analisar de que modo as aparências, ao invés de revelar o mundo, podem escondê-lo por meio de ficções e distorções da realidade. Marcela Uchôa, em seu artigo “O imperialismo e o colonialismo nas *Origens do totalitarismo*” procura compreender de que forma o expansionismo, que sustentou o imperialismo colonial europeu, e a desintegração dos Estados-nacionais podem ser pensados como fenômenos que contribuíram para o surgimento posterior de movimentos e governos totalitários. Em “A ‘mentira organizada’ no totalitarismo”, Rodrigo Ribeiro

Alves Neto explicita o papel da propaganda nos movimentos totalitários e o quanto essa ferramenta serviu aos propósitos nazistas de domínio total, uma vez que foi por intermédio dela que as massas foram mobilizadas. Em “Ideologia e solidão – atualidade de Hannah Arendt”, Geraldo Pereira se debruça sobre os conceitos de ideologia e solidão, bem como explicita em que medida esses conceitos ainda são fecundos para pensarmos os tempos hodiernos, uma vez que governos autoritários se utilizam da ideologia para fazer com que os sujeitos se sintam cada vez mais solitários. Conjuntamente, Mariana Mattos Rubiano, Alexandrina Paiva Rocha e João Batista Farias Junior, em “As temporalidades de exceção”, discutem de que forma os campos de concentração foram capazes de criar uma temporalidade que dista tanto da natural – cíclica – quanto da humana – ontem, hoje e amanhã. Essa nova temporalidade é denominada pelos autores de temporalidade de exceção. Em “Acumulação ilimitada e a política como mera força: Hannah Arendt sobre imperialismo e capitalismo”, Adriano Correia busca articular as análises realizadas por Arendt, na segunda parte de *Origens do totalitarismo*, acerca do imperialismo enquanto motor da transformação do processo ilimitado de acumulação e a emancipação política da burguesia. Para Arendt, a cristalização desses fenômenos, entre outros fatores, nutriu o advento do totalitarismo. Newton Bignotto, em seu artigo intitulado “De volta às reflexões sobre o totalitarismo”, busca compreender as referências do tema do totalitarismo que aparecem nos *Diários Filosóficos* de Hannah Arendt entre 1950 e 1970. No artigo “Solidão total: Hannah Arendt e os fundamentos do totalitarismo”, Roger Berkowitz explicita que a solidão é a condição de ser abandonado por todos e até por si mesmo, configurando-se como um fenômeno exacerbado pelos regimes totalitários. Por fim, o dossiê traz uma tradução feita por Marcos Antônio da S. S. Ferreira e revisado por João Batista Farias Júnior de um manuscrito de Hannah Arendt, intitulado “A grande tradição e a natureza do totalitarismo”, redigido em abril de 1953. Esse manuscrito contém as elaborações de seis seminários que Hannah Arendt ministrou na *New School for Social Research*. Nesse manuscrito, podemos acompanhar a formulação de algumas reflexões que levaram Arendt a entender que as tradicionais ferramentas teóricas que utilizamos para lançar luz sobre fenômenos políticos não são capazes de descrever a natureza do totalitarismo. É necessária a construção de novas categorias de pensamento para que possamos compreender os mecanismos que fizeram do totalitarismo uma novidade sem precedentes.

Boa Leitura!

Elivanda de Oliveira

Fábio A. Passos

Editores